

Projeto Ibero-americano de Divulgação Científica Comunidade de Educadores Ibero-americanos para a Cultura Científica

PESQUISA ANALISA FAMÍLIAS QUE REJEITAM A VACINAÇÃO INFANTIL



Pesquisa analisa famílias que rejeitam a vacinação infantil

22 de abril de 2015

Patrícia Santos. LABJOR.

Queda no índice de vacinação indica que a aceitabilidade da vacina está se tornando uma nova questão para a saúde pública. De acordo com artigo publicado na revista Ciência e Saúde Coletiva, o Programa Nacional de Imunizações (PNI) precisa estar atento não só ao acesso aos serviços de saúde.

Há pouco mais de 10 anos, na cidade de São Paulo, são observados casos de famílias de alta renda e escolaridade que optam por não vacinar seus filhos. A cobertura vacinal geral foi de 83% na capital paulista, mas entre as crianças na classe A 10 de 77% segundo inquérito realizado em 2007 nos capitais e no distrito federal, e considerando a vacinação recomendada até os 18 meses de idade.

As autoras do artigo são Maria Theresia Couto, professora do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, e Carolina Lúcia Alves Barberi, professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Católica de Santos (Unisantos). Elas analisam que o PNI está atento às alterações de cobertura, identificando a vacinação por meio de campanhas específicas, como os casos de sarampo, por exemplo, porém deve monitorar a queda encontrada entre os mais ricos. "Nas a tendência ainda não é considerada crítica, pois, de um modo geral, o Brasil tem uma elevada cobertura vacinal, em comparação com outros países", afirmam.

O trabalho das pesquisadoras teve como objetivo compreender as razões dos pais com relação à opção de vacinar ou não as crianças, e para isso estabeleceram a compreensão do significado de não vacinar no contexto sociocultural das famílias. Assim, elas puderam ir além da visão biomédica e do julgamento dos pais que não vacinam ou vacinam de forma seletiva. Essa abordagem permitiu a aproximação pelo diálogo com o segmento que rejeita a vacinação e, embora numericamente de pouca expressão, mobiliza e preocupa o campo da saúde pública, segundo as autoras.

O estudo envolveu 15 famílias da área urbana da cidade de São Paulo, das classes econômicas A e B, em que os pais tinham pelo menos ensino superior completo e filhos com idade até cinco anos. O grupo era composto por cinco casais que imunizaram os filhos conforme o PNI; cinco casais que escolheram algumas vacinas ou postergaram imunizações; e cinco casais que não vacinaram seus filhos.

As autoras observaram que todos os participantes relacionam sua escolha com proteção aos filhos e com cuidado, ou seja, uma mesma intenção por trás das representações sobre cuidado parental. Essa perspectiva é a proteção, a responsabilidade e o dever, conforme explicam Couto e Barberi.

Para os pais que seguem o PNI, proteger é vacinar os filhos. Os vacinados também os seletivos declaram que proteger é considerar as particularidades de cada criança e seu contexto familiar. Já os não vacinadores consideram que proteger é não vacinar, resguardando os filhos dos riscos da vacinação.

As autoras analisam que, entre os pais não vacinadores, há novos significados importantes sobre o que é o cuidado parental e sobre o valor de proteção oferecido pela vacina. "Para eles, seus filhos estão protegidos pelo amor, alimentação, aleitamento materno, condições socioculturais, entre outros



REFERÊNCIA: 1ACH157

Outros temas de cultura científica



Pesquisa analisa famílias que rejeitam a vacinação infantil

22 de abril de 2015

Patricia Santos. LABJOR.

Queda no índice de vacinação indica que a aceitabilidade da vacina está se tornando uma nova questão para a saúde pública. De acordo com artigo publicado na revista Ciência e saúde coletiva, o Programa Nacional de Imunizações (PNI) precisa estar atento não só ao acesso aos serviços de saúde.

Há pouco mais de 10 anos, na cidade de São Paulo, são observados casos de famílias de alta renda e escolaridade que optam por não vacinar seus filhos. A cobertura vacinal geral foi de 83% na capital paulista, mas entre as crianças na classe A foi de 71%, segundo inquérito realizado em 2007 nas capitais e no distrito federal, considerando a vacinação recomendada até os 18 meses de idade.

As autoras do artigo são Marcia Thereza Couto, professora do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP, e Carolina Luisa Alves Barbieri, professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Católica de Santos (Unisantos). Elas analisam que o PNI está atento às alterações de cobertura, intensificando a vacinação por meio de campanhas específicas, como os casos de sarampo, por exemplo, porém deve monitorar a queda encontrada entre os mais ricos. “Mas a tendência ainda não é considerada crítica, pois, de um modo geral, o Brasil tem uma elevada cobertura vacinal, em comparação com outros países”, afirmam.

O trabalho das pesquisadoras teve como objetivo compreender as razões dos pais com relação à opção de vacinar ou não as crianças, e para isso enfatizaram a compreensão do significado do não vacinar no contexto sociocultural das famílias. Assim, elas puderam ir além da visão biomédica e do julgamento dos pais que não vacinam ou vacinam de forma seletiva. Essa abordagem permitiu a aproximação pelo diálogo com o segmento que rejeita a vacinação e, embora numericamente de pouca expressão, mobiliza e preocupa o campo da saúde pública, segundo as autoras.

O estudo envolveu 15 famílias da área urbana da cidade de São Paulo, das classes econômicas A e B, em que os pais tinham pelo menos ensino superior completo e filhos com idade até cinco anos. O grupo era composto por cinco casais que imunizaram os filhos conforme o PNI; cinco casais que escolheram algumas vacinas ou postergaram imunizações; e cinco casais que não vacinaram seus filhos.

As autoras observaram que todos os participantes relacionam sua escolha com proteção aos filhos e com cuidado, ou seja, uma mesma intenção norteia as representações sobre cuidado parental. Essa perspectiva é a proteção, a responsabilidade e o dever, conforme explicam Couto e Barbieri.

Para os pais que seguem o PNI, proteger é vacinar os filhos. Os vacinadores tardios ou seletivos declaram que proteger é considerar as particularidades de cada criança e seu contexto familiar. Já os não vacinadores consideram que proteção é não vacinar, resguardando os filhos dos riscos da vacinação.

As autoras analisam que, entre os pais não vacinadores, há novos significados importantes sobre o que é o cuidado parental e sobre o valor de proteção oferecido pela vacina. “Para eles, seus filhos estão protegidos pelo amor, alimentação, aleitamento materno, condições socioculturais, entre outros



cuidados, contextualizados em um modo de vida mais natural, sem excessivas intervenções científico-tecnológicas. Nesse cenário, a vacinação passa a assumir um significado de ameaça, um risco à saúde do filho”, explicam as autoras.

Essa visão se contrapõe à concebida pela biomedicina e pela saúde pública, que vê a não vacinação como ausência de cuidado ou negligência. Há o temor de que cause falhas vacinais na população, comprometendo a imunidade e trazendo de volta doenças que estavam controladas, como visto recentemente nos surtos de sarampo no Brasil e no mundo.

Informações para tomada de decisão

A queda na vacinação na classe A se dá por aspectos que garantiram o próprio sucesso do PNI: a divulgação dos efeitos adversos da vacinação e o controle epidemiológico das doenças, associado também ao maior acesso a informações anti-vacinação pela internet.

Para Couto e Barbieri, é importante refletir sobre a aceitabilidade da vacinação, e isso vai além de considerar apenas sua rejeição, pois se relaciona com a reação da sociedade a normas e práticas e os significados que atribui às intervenções de saúde em diferentes momentos históricos. “Sem desconsiderar as consequências da queda vacinal à coletividade, a compreensão da aceitabilidade busca ouvir e entender os diversos olhares envolvidos nessa ação social”.

Discutir a vacinação no contexto das famílias de alta renda e escolaridade, dizem as pesquisadoras, contribui para o debate crítico sobre as mudanças sociais. São transformações que “podem influenciar o contexto das práticas de saúde atuais, que vive uma desarmonia entre os avanços científicos e tecnológicos e, paradoxalmente, a crise de legitimidade de suas práticas,” concluem..



CSIC
CONSEJO SUPERIOR DE INVESTIGACIONES CIENTÍFICAS



sinc
La ciencia es noticia

Agencia CyTA

INVESTIGACION
y DESARROLLO **ID**

asenmac))

Projeto Ibero-americano de Divulgação Científica
Comunidade de Educadores Ibero-americanos para a Cultura Científica

Ficha de catalogação

Título:	Pesquisa analisa famílias que rejeitam a vacinação infantil
Autor:	Patrícia Santos
Fuente:	<i>Labjor</i> (Brasil)
Resumo:	Nem todas as crianças são vacinadas no Brasil. E, curiosamente, o rechaço em vacinar os filhos acontece em algumas famílias de contexto sociocultural elevado. Um estudo sobre famílias de São Paulo comprovou que não é falta de informação. O descuido ou a falta de interesse com a saúde de seus filhos é o que leva alguns pais a não vaciná-los. De fato, o argumento para não fazê-lo é o mesmo que o dos pais que seguem os programas nacionais de vacinação infantil: evitar que eles corram riscos.
Data de publicação:	22/04/15
Formato	<input type="checkbox"/> Notícia
	<input checked="" type="checkbox"/> Reportagem
	<input type="checkbox"/> Entrevista
	<input type="checkbox"/> Artigo de opinião
Contenedor: (recipiente)	<input checked="" type="checkbox"/> 1. Os desafios da saúde e da alimentação
	<input type="checkbox"/> 2. Os desafios ambientais
	<input type="checkbox"/> 3. As novas fronteiras da matéria e da energia
	<input type="checkbox"/> 4. A conquista do espaço
	<input type="checkbox"/> 5. O habitat humano
	<input type="checkbox"/> 6. A sociedade digital
	<input type="checkbox"/> 7. Outros temas de cultura científica
Referência:	1ACH157

Projeto Ibero-americano de Divulgação Científica
Comunidade de Educadores Ibero-americanos para a Cultura Científica

Proposta didática
Atividades para o alunado

1. Assinale quais das seguintes afirmações são verdadeiras e quais são falsas levando em conta o que se disse sobre o rechaço de alguns pais à vacinação infantil:

1. Em 2007 todos os pais que viviam em São Paulo e dispunham de uma alta renda e bom nível educativo vacinavam seus filhos.	V	F
2. Em geral se vacinam muito poucas crianças no Brasil.	V	F
3. Marcia Thereza Couto e Carolina Luísa Alves Barbieri fizeram um estudo com quinze famílias de São Paulo sobre a vacinação de seus filhos.	V	F
4. Em seu estudo Marcia Thereza Couto Carolina Luísa Alves Barbieri só entrevistaram pais que haviam decidido não vacinar seus filhos.	V	F
5. Todos os participantes no estudo de Marcia Thereza Couto e Carolina Luísa Alves Barbieri justificavam sua decisão sobre as vacinações de seus filhos por seu interesse em protegê-los.	V	F
6. Todos os pais entrevistados no estudo de Marcia Thereza Couto e Carolina Luísa Alves Barbieri estavam de acordo no que significa proteger e cuidar dos filhos.	V	F
7. Marcia Thereza Couto e Carolina Luísa Alves Barbieri entrevistaram a todos os pais de São Paulo que não vacinaram seus filhos.	V	F
8. Para a biomedicina e as instâncias de saúde pública não vacinar significa descuido ou negligência por parte dos pais.	V	F
9. Segundo a biomedicina e as instâncias de saúde pública não vacinar pode implicar o reaparecimento de doenças que estavam controladas.	V	F
10. Sendo os pais de maior nível socioeconômico e educacional os que rechaçam em maior medida as vacinas para seus filhos, fica evidente que há coerência entre o desenvolvimento tecnocientífico e a forma com que é percebido por quem melhor pode compreendê-lo.	V	F

2. Comente os dados da reportagem sobre as taxas de vacinação em São Paulo.

3. Que características têm os estudos das professoras Marcia Thereza Couto e Carolina Luísa Alves Barbieri com famílias da cidade de São Paulo? A que conclusões chegam sobre as motivações de algumas famílias para recusar vacinar seus filhos?

4. Quando apareceram as vacinas? Para que servem? Busque informações sobre a evolução de algumas infecções desde que se vacina contra elas?

5. Busque informações sobre as vacinas que você tomou. Fizeram-lhe algum mal?

6. Quais vacinas estão prescritas agora no sistema de saúde pública do lugar onde vives? Como e onde se administram? São obrigatórias todas elas? São gratuitas?

7. Que riscos apresentam as aplicações de vacinas? Que riscos implicam não estar vacinado quando a maioria da população está?

8. Comente o conteúdo do último parágrafo do texto. Que consequências têm essa desarmonia que se alude nele? Seria importante corrigi-la? Quem poderia fazê-lo? Como?

9. Mediante uma pequena enquête poder-se-ia extrair algumas conclusões acerca da percepção que as pessoas têm sobre a importância dos programas de vacinação. Seria

interessante, em primeiro lugar, definir uma amostra significativa para esta enquete. Posteriormente teria que colocar em ordem e analisar os resultados obtidos e, por último, apresentar algumas conclusões sobre esses resultados. Anima-te? Em uma pesquisa assim é conveniente trabalhar em equipe e manter certo rigor no tratamento dos dados. Podes partir dos seguintes protocolos para ajudar-te nessa pesquisa.

Algumas recomendações sobre a enquete

1. Se a enquete (pesquisa) não se dirige a um grupo bem definido (alunos da minha aula, professores do meu centro educativo, nossos pais e mães...) a enquete deve ser representativa da população sobre a qual se deseja investigar.
2. Se se vai analisar alguma variável determinada (percepção por grupo de idade, por sexo...) deve-se determinar bem o número de sujeitos de cada grupo a quem se passará a enquete. Se a enquete é por amostragem os grupos selecionados devem refletir a mesma proporção que na população geral.
3. É importante que a enquete seja passada nas devidas condições para seus destinatários. O questionário deve ser claro na versão que finalmente seja utilizada e a forma de procedimento (com entrevistador que lê e anota cada resposta ou preenchendo diretamente o questionário de cada entrevistado) deve ser igual para todos.
4. O tratamento dos deve ser cuidadoso, refletindo as cifras totais das respostas a cada questão.
5. Os resultados devem ser expressos em dados absolutos, em porcentagens e com algum sistema adequado de representação gráfica.

Questionário sobre as vacinas

Marque com uma cruz o que procede em cada caso:		
1. Estás vacinado contra alguma doença?	Sim	Não
2. Sabes exatamente contra qual doença estás vacinado?	Sim	Não
3. Podes saber exatamente contra qual doença estás vacinado?	Sim	Não
4. Vacinastes seus filhos? (ou os vacinarias se os tivestes?)	Sí	No

Questionário de percepção sobre as vacinas

Valore de 1 a 4 os seguintes aspectos sobre a vacinação. Gradue tuas valorações entendendo que 1 significa “nada de acordo” e 4 significa “muito de acordo”				
1. Vacinar-se tem muitos riscos.	1	2	3	4
2. Não vacinar-se tem muitos riscos.	1	2	3	4
3. A vacinação das crianças deve ser decisão dos pais.	1	2	3	4
4. A vacinação das crianças deve ser obrigatória.	1	2	3	4
5. A vacinação das crianças deve ser gratuita.	1	2	3	4
6. Os não vacinados correm muitos riscos se os demais já estão.	1	2	3	4
7. Os vacinados correm muitos riscos se o demais não estão.	1	2	3	4
8. Quem não vacina seus filhos tem bons motivos para isso.	1	2	3	4
9. Os cidadãos têm suficientes informações sobre os riscos de não estar vacinados.	1	2	3	4
10. Os cidadãos têm suficientes informações sobre o que são as vacinas.	1	2	3	4

Como se poderia melhorar a percepção sobre as vacinações?

Imagine que o ministério da saúde de teu país queira reduzir o número de pessoas não vacinadas e organizar melhor o programa nacional de vacinação sensibilizando a população para evitar os temores pelas vacinas. Para isso pede ideias originais e efetivas. Te ocorrem três?

1:
2:
3:

10. Comparando o assinalado nas atividades 6, 7 e 8 com os resultados obtidos na pesquisa proposta na atividade 9 poder-se-ia promover um debate em torno das seguintes questões:
- Que importância tem os programas nacionais de vacinação?
 - Qual a percepção as pessoas têm sobre as vacinas?
 - Os programas de vacinação devem ser obrigatórios?

Projeto Ibero-americano de Divulgação Científica
Comunidade de Educadores Ibero-americanos para a Cultura Científica

Proposta didática
Sugestões para professorado

- Dentre as atividades propostas convém eleger quais se adaptam melhor ao grupo e a seus interesses. Em todo caso, antes de propor a realização das atividades recomenda-se uma leitura atenta do texto.

- A atividade 1 facilita a análise do conteúdo do texto. Sua revisão permitirá clareá-lo e resolver possíveis dúvidas. As atividades 2 e 3 são centradas em alguns aspectos relevantes do estudo que se alude na reportagem. A atividade 4 busca fazer uma indagação geral sobre as vacinas e seu papel na erradicação de algumas doenças. A atividade 5 e 6 sugerem recavar informação contextualizada sobre as vacinas efetivas no entorno a partir da própria experiência pessoal e dos programas de vacinação que atualmente acontecem no país. AS atividades 7 e 8 centram-se nos aspectos mais polêmicos do tema chamando a atenção sobre a importância da percepção dos riscos que se alude no último parágrafo da reportagem. A atividade 9 propõe realizar uma pequena investigação empírica baseada numa enquete sobre a vacinação e sobre as percepções em relação a este tema. A atividade 10 propõe três temas para um debate sobre os programas de vacinação da população.

- Ainda que as atividades propostas estejam redigidas para serem realizadas individualmente, varias delas são especialmente propícias para serem desenvolvidas em equipe ou inclusive em debate aberto com toda a turma. É especialmente interessante, neste sentido, compartilhar os trabalhos sobre as atividades 5, 6, 8, 9 e 10.

- Poderia ser oportuno registrar e sistematizar os resultados da pesquisa. Eventualmente poderiam fazer parte de algum tipo de publicação ou exposição pública. Também seria interessante, quiçá, aproveitar as propostas que possam ter aparecido para fomentar, no entorno, iniciativas que pudessem melhorar o conhecimento dos efeitos das vacinas e os riscos que podem surgir por não vacinar-se.